

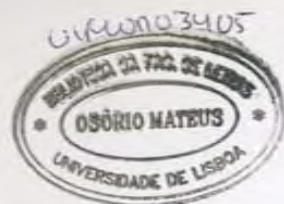
A ZUL DE DELFT

J O S É
J O R G E
L E T R I A



CRONOS / TEATRO
centro cultural do alto minho

EDIÇÃO PATROCINADA PELA
CÂMARA MUNICIPAL DE VIANA



FICHA TÉCNICA

Título

Autor

Capa

Composição

Impressão

Depósito Legal

ISBN

AZUL DE DELFT

JOSÉ JORGE LETRIA

TIAGO MANUEL

DEGRAFIS

CENTRO GRÁFICO V. P. ÂNCORA

65164/93

972 - 9467 - 04 - 8

O autor

José Jorge Letria nasceu em Cascais, em 1951.

É jornalista profissional desde 1970, sendo actualmente editor do Jornal de Letras, editor de cultura da revista Tempo Livre e correspondente em Portugal da revista Delírios do Ministério da Cultura de Espanha.

Publicou até à data cerca de dezena e meia de coletâneas poéticas, tendo sido distinguido, entre outros, com os prémios Plural (México), Cidade de Ourense (Espanha), Eça de Queirós - Município de Lisboa, Cesário Verde, Florbela Espanca, Óscar Lopes, Luís Veiga Leitão, José Galeno da Sociedade Portuguesa de Autores e Prémio de Poesia da Internationale des Arts et des Lettres (Paris).

Está traduzido noutros idiomas, designadamente em espanhol, italiano, francês, checo e búlgaro. Poemas seus figuram em antologias nacionais e estrangeiras, tendo colaboração dispersa por publicações como Colóquio/Letras, Hífen, Boca Bilingue (Espanha), Silex e Palimpsesto (Espanha), Lusorama (Alemanha), Nova Renascença, "Poesia Seghers" (França) e "Espacio Escrito" (Espanha). Uma antologia a publicar no Brasil, com prefácio de Carlos Nejar, reúne o melhor da sua poesia.

Na área da literatura para a infância e juventude, publicou duas dezenas de títulos, tendo sido distinguido três vezes com o Prémio "O Ambiente na Literatura Infantil" da secretaria de Estado do Ambiente, duas vezes com o Prémio Ferreira de Castro e ainda com um prémio da Associação Portuguesa de Escritores. Obteve o Prémio Gulbenkian 1990/1991.

No que toca ao teatro, recebeu em 1989 um Prémio Garrett da Secretaria de Estado da Cultura. Foi ainda distinguido com o Prémio Citap e com um prémio de Teatro do Inatel. Trabalha regularmente como guionista e autor de programas de televisão. Tem participado em encontros internacionais de literatura e integrou, em dois mandatos, a direcção da Associação Portuguesa de Escritores. É membro da Secção Portuguesa da Associação Internacional de Críticos e da Direcção da Sociedade Portuguesa de Autores.

Em 1990 foi distinguido com o Prémio Camilo Pessanha, instituído pelo Instituto Português do Oriente, pelo seu trabalho Oriente da Mágoa (Pranto de Luís Vaz), cuja primeira edição integra a Colecção "Poesia em papel-de-arroz".

Foi finalista em 1990 do Prémio Genève/Europe para guionistas europeus.

É membro correspondente do Colégio de L'Europe.

Prefácio

Os heróis de porcelana

A História é um território privilegiado da dramaturgia, mas raros são os autores dotados daquele instinto de moicano que os faz correr o mato sem perder as referências essenciais, capazes de os conduzir à salvação. Quanto mais vasta a savana, em maior número são os perigos que comporta: é tão grande a oferta da História, tão dilatadas as possibilidades postas à disposição do dramaturgo impaciente, tão fácil a queda na tentação de reproduzir por outras palavras (às vezes pelas mesmas palavras...) os episódios e as situações mais divulgados, que poucos, na verdade, sabem orientar-se com mestria nos seus perigosos meandros. Não se percorre a História de auto-estrada, mas antes abrindo na sua turfa fértil os caminhos de pé-posto que contêm a marca da verdadeira originalidade.

José Jorge Letria tem-nos dado exemplos suficientes desta real capacidade para trilhar os mais aliciantes carreiros da floresta. Vencedor do Prémio Garrett de 1989 com uma peça ainda não levada à cena, autor de outras de mérito idêntico, oferece-nos agora, com "Azul de Delft", mais um exemplo conseguido desse poder de sondar o dificilmente sondável, que é uma espécie de inquérito jornalístico (ou ele não fosse igualmente jornalista) aos sentimentos patrióticos dos portugueses após a perda da independência em 1580, e simultaneamente uma leitura poética (ou ele não fosse poeta também, e dos de voz mais pessoal da nossa contemporaneidade) desse naufrágio de um projecto colectivo nas quotidianas águas do amor contingente, da materialidade ou da sua rejeição, da dor, ao fim e ao cabo, que é glorioso apanágio do humano enquanto sofrimento e reflexão.

Qualquer história da História deve conter em si os germes do proveito e do exemplo. De outro modo, mais não estaríamos do que perante relatos estéreis do sucedido com outros que nos são estrangeiros, quando não pelo espaço, pelo tempo. Mas esse proveito e esse exemplo dificilmente marcarão presença se lhes faltar a grandeza dos sinais. "Azul de Delft" contém essa grandeza, essencialmente traduzida num modo e numa respiração poéticos que conformam e enformam toda a peça.

O período escolhido para o desenrolar da acção é um dos mais malditos da História portuguesa. A própria historiografia tem feito por "esquecer", mantendo-